

O Tom da Vida na Vila Dom Bosco¹

Carla Adelina Craveiro SILVA²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente trabalho apresenta o percurso de elaboração de um projeto fotográfico desenvolvido na disciplina Laboratório de Fotojornalismo do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, no *campus* Cariri. Enquanto proposta vinculada à categoria de série fotojornalística, centra-se na exposição dos elementos envolvidos na concepção das imagens que integram o trabalho. A inserção e o acompanhamento do cotidiano dos moradores de uma rua chamada Vila Dom Bosco, situada na cidade de Juazeiro do Norte, conduziram as experiências fotográficas. As fotografias em questão foram feitas durante as visitas que se realizaram no intuito de estabelecer contato com o universo íntimo dessas pessoas, e, dessa forma, aproximar-se da compreensão de como eles se reconhecem e manifestam suas crenças e valores.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; Vila Dom Bosco; cotidiano.

1. INTRODUÇÃO

Entre variadas formas de compreensão e interpretação do mundo, a fotografia é aquela que implica em atos simultâneos de apoderamento e de entrega, os quais, uma vez consolidados, culminam em um suporte material de expressão, um objeto que é, também, relato de experiência única, impossível de ser repetida. As circunstâncias em que se realiza estão inscritas na realidade são condicionadas às temporalidades e aos espaços percorridos por indivíduo, máquina e luz. Nas vias abertas por esse trio indissociável residem as questões a serem discutidas no sentido do entendimento dos processos de elaboração das imagens fotográficas.

A partir de tais premissas, o presente trabalho tem como objeto de reflexão uma produção fotográfica realizada no âmbito do Laboratório de Fotojornalismo do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, no *Campus* Cariri. A disciplina é componente do sexto semestre do curso, e, tem como objetivo possibilitar ao aluno o envolvimento com as etapas de um projeto fotográfico, sob orientação docente

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria I Jornalismo, modalidade 12 Produção em Fotojornalismo (série).

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – *Campus* Cariri, email: carla.a.craveiro@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – *Campus* Cariri, email: marceloeduardoleite@gmail.com.

desde a sua concepção, com a escolha do tema, pesquisa e redação da proposta até sua formatação final.

A série aqui apresentada integra o trabalho realizado em uma rua chamada Vila Dom Bosco, no Bairro Santa Tereza, em Juazeiro do Norte, cidade do sul do estado, a 533 km de Fortaleza. Sua principal base de elaboração foi a inserção no cotidiano dos moradores dessa rua, o que permitiu o enfrentamento da relação que se estabelece entre fotógrafo e fotografado, além do exercício e aprofundamento da técnica fotográfica como um elemento que se articula com outras formas de conhecimento nos processos da criação.

2. OBJETIVO

Por meio da fotografia, o trabalho buscou apreender e exprimir a personalidade e as vivências dos moradores da Vila Dom Bosco, partindo das visualidades que se engendram, principalmente, no interior de suas casas. Nesse sentido, os elementos que compõem o cotidiano — como a disposição dos objetos pessoais, as atividades corriqueiras, a relação com familiares e vizinhos, as histórias plasticamente contadas em altares votivos e fotografias nas paredes — são aqueles os quais ao mesmo tempo em que lhe dão forma e sentido, evocam o valor da contribuição contida em cada trajetória para a constituição da memória social. No contato com momentos e relatos particulares, que são os universos íntimos de atribuição de significado, a fotografia se apresenta como um meio a partir do qual o fotógrafo se lança à experimentação.

A expressão que a imagem fotográfica abriga é permeada por um jogo de percepções e permissões. Nele, há um cruzamento entre o que o fotografado, neste caso, um morador da Vila Dom Bosco, permite o acesso (o dizível e o visível eleitos por ele), com o que o fotógrafo percebe como enunciável, além daquilo que não fora percebido por nenhum dos envolvidos, mas que toma corpo a partir da realização da imagem. Logo,

[...] sendo o real, isto é, o social constituído de seres humanos, dotados de subjetividade, a fotografia é ao mesmo tempo evidência e construção (do fotógrafo) e evidência da construção (do fotografado). (MARTINS, 2009, p. 15).

Assim, ao buscar tais experiências e pretender construir um discurso fotográfico a respeito das percepções que elas proporcionam, valorizam-se as minúcias que a paisagem humana é

capaz de fazer emergir, além de ser uma forma de atentar para o quanto estas podem representar os sentidos, os quais, individual e coletivamente, são forjados em uma realidade cultural.

3. JUSTIFICATIVA

Afirmar que a fotografia implica em uma abertura à entrega, ao encontro, significa considerar os recursos empregados por quem a idealiza nas sucessivas etapas de sua realização. Ao tratar do uso da fotografia como recurso metodológico no campo da pesquisa na área da Antropologia, Milton Guran atribui uma função a essa utilização, que seria a de “[...] destacar um aspecto de uma cena a partir do qual seja possível se desenvolver uma reflexão objetiva sobre como os indivíduos ou os grupos sociais representam, organizam e classificam as suas experiências e mantêm relações entre si.” (GURAN, 2000, p. 7).

Situando a afirmação do autor no campo de uma produção fotográfica que se proponha sob uma perspectiva de envolvimento profundo com o contexto no qual a temática se manifesta, tarefa que demanda tempo e motivação pessoal, além de propiciar maior acesso aos valores de determinado meio cultural, tal envolvimento permite, por vezes, a “desocultação” de alguns aspectos próprios dessa mesma realidade. À escolha da expressão imagética, mais precisamente, a fotográfica, subjaz, ainda, a necessidade de exprimir o modo de ver e perceber que é particular, exclusivo, de seu autor. Assim, a fotografia feita sob tais preceitos constitui um relato que se firma tanto sobre as bases trazidas pelo ambiente no qual se efetivou quanto pela forma como o fotógrafo se coloca nele e o interpreta.

Eleger a Vila Dom Bosco como ambiente para a configuração de um contato dessa natureza justifica-se, primeiramente, pela existência de uma necessidade do descobrimento de intersecções entre o que se é conhecido, ou o que se considera como tal, e aquilo que não o é, mas se apresenta como iminente na configuração do cotidiano, cujo acesso exige alguns cuidados. A extensão dessa rua engloba apenas um quarteirão, ela está situada em um bairro próximo à região central da cidade. As fachadas estreitas são o limite entre a vida íntima de donas de casa, operários, trabalhadores autônomos, aposentados e suas respectivas famílias e o espaço público e coletivo que transcende as calçadas. Como em qualquer outra rua, o ambiente heterogêneo dá vazão às interpretações e aos dizeres que sobre ela se lançam, podendo ocorrer de algumas características sobressaírem nesses discursos.

Enquanto elementos que se integram ao leque de problemas sociais, a violência e suas conseqüências aderem-se com certa facilidade ao imaginário sobre determinada situação ou ambiente. Não cabe aqui discutir de que forma esse processo advém, no entanto, é pertinente compreender que no âmbito da Vila Dom Bosco essa atribuição de referências ocorre. Em decorrência de situações não necessariamente rotineiras, à rua foi atribuído o apelido de “Faixa de Gaza” como uma alusão a um contexto de desordem, de subversão.

Identificamos que sob o estigma de uma aparente violência constante reside a necessidade dos moradores de serem vistos sob outra perspectiva. Dessa forma, intentou-se o questionamento sobre a formação desse imaginário que permeia tal espaço, tomando a direção contrária aos eventos responsáveis por sua gênese. Se é pela via das circunstâncias incomuns que as inferências sobre esse ambiente se constroem, o projeto em questão direciona sua abordagem ao que a Vila Dom Bosco abriga de ordinário, no sentido daquilo que se elabora cotidianamente, e que abriga participação ativa de seus atores sociais.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Em qualquer percurso criativo faz-se necessária a avaliação das condições para sua efetivação. Ao indivíduo que se propõe a desenvolver um trabalho com a fotografia cabe analisar tanto as condições materiais quanto aquelas que estão relacionadas ao seu contato com a temática que pretende abordar. Tais categorias não se excluem, segundo Kossoy, “O dado do real, registrado fotograficamente, corresponde a um produto documental elaborado cultural, técnica e esteticamente, portanto ideologicamente: registro/criação” (1999, p. 35).

Nesse sentido, estando munido do conhecimento sobre o ambiente, sua configuração e a intensidade da luz que nele pode incidir, por exemplo, o fotógrafo tem a possibilidade de planejar quais recursos do equipamento proporcionam um melhor aproveitamento de uma determinada situação em um local específico. Simultaneamente, a busca do entendimento dos sistemas de valores articulados no meio cultural no qual ele se insere possibilita que os sentidos expressos em suas imagens ultrapassem o mero registro de cenas, e se inscrevam no processo de mediação da realidade intrínseco à fotografia.

Optou-se por imagens coloridas em formato digital e a câmera fotográfica utilizada foi uma Canon Rebel T3 EOS 1100D, além de um tripé para ser usado em condições de iluminação

que exigissem maior estabilidade do equipamento. Inicialmente, estabelecemos contato com uma moradora que pudesse atuar como interlocutora na aproximação com os outros residentes. Diante do período de três meses para realizar o projeto, avaliou-se a necessidade de delimitar uma quantidade de residências a serem visitadas, pois não seria possível englobar todas as casas em um trabalho que propõe uma relação aprofundada com os diversos cotidianos de um ambiente. Assim, com a colaboração da interlocutora foram escolhidas cinco casas para a etapa inicial. Nas primeiras visitas, a proposta e a sistemática de trabalho eram explicadas a fim de que os moradores pudessem compreender e dar permissão para a realização do projeto em suas residências.

Obtida a autorização, conversava-se sobre os horários e dias da semana em que os moradores poderiam nos receber, procurando negociar uma diversificação desses momentos para que diferentes aspectos de seus cotidianos pudessem ser acompanhados. A opção por um processo de aproximação com uma quantidade de casas delimitadas teve a finalidade de propiciar a familiarização dos moradores com a proposta. À medida que as visitas aconteciam, mais pessoas sabiam da proposta e aceitavam a nossa presença em suas casas.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

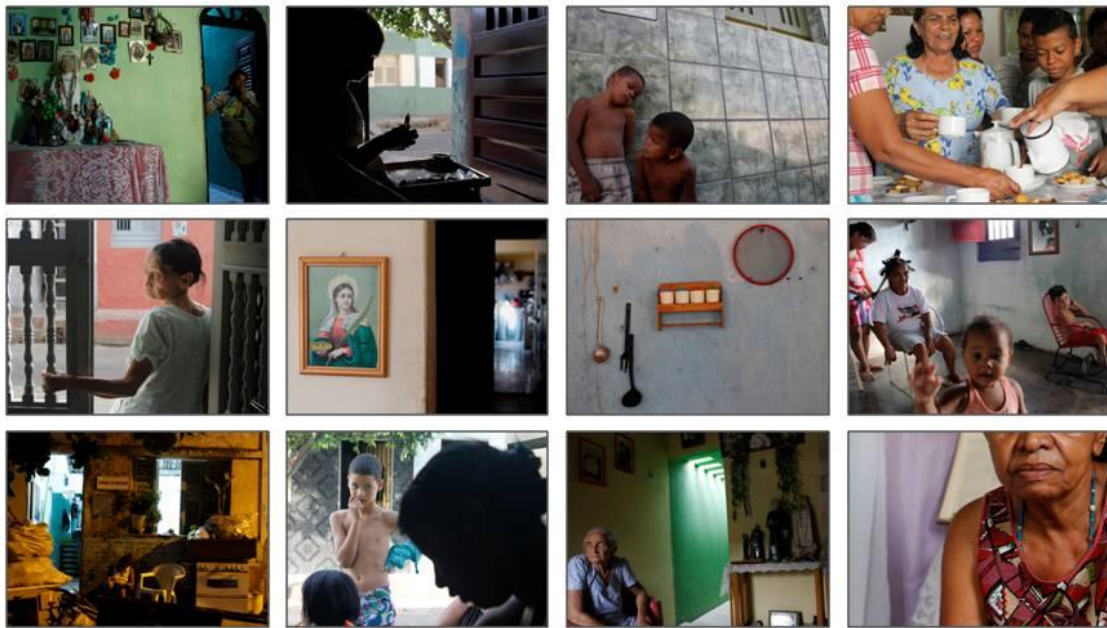
As fotografias que compõem a série aqui apresentada pertencem às observações realizadas no interior das casas da Vila Dom Bosco, bem como, às situações com as quais se pôde ter contato no domínio da rua. Treze residências receberam as visitas, que foram distribuídas conforme a autorização dos moradores, com horário e data combinadas, ou, promovidas por aproximação e curiosidade mútuas, se mediante o contato inicial o morador já permitisse, elas aconteciam mesmo sem terem sido marcadas. Se, entre outras atribuições, a câmera “[...] ao mesmo tempo máquina óptica e máquina para iluminar, é, mais precisamente uma máquina para produzir visibilidades.” (ROUILLÉ, 2009, p. 150), nesta situação ela o faz sobre as camadas simbólicas que formam a vida desses moradores.

As visitas não tinham roteiro e cada oportunidade de conversa era aproveitada. Houve os que admitissem buscar alento para a solidão no contato com o movimento da rua, houve os que fizessem das grades de portas e janelas a fortaleza protetora de seus anseios. Mas, em todos, de maneira direta ou não, existia o desejo de contar, de expressar suas razões para o ser e o ter. Se pela fala, ansiosa por dar conta de toda uma trajetória, ou pelos objetos

peçoais distribuídos pelos cômodos, pelos quais as pessoas sussurravam um “esse é o mundo que eu criei” transfigurado em um “fique à vontade”. Tais elementos formam uma espécie de relevo simbólico que designa e expressa os meios a partir dos quais esses indivíduos se reconhecem e se mostram, tanto para aqueles com quem cruzam na rua quanto para os que vêm dela e adentram no interior de suas residências. Assumindo, nesse sentido, um posicionamento diante do que o ambiente externo traz.

No decorrer de seus relatos, os integrantes das famílias contavam sobre sua chegada na Vila Dom Bosco e sobre sua relação com a vizinhança. Emergiam, então, narrativas sobre episódios de suas vidas, fotografias e outros objetos eram apontados e cuidadosamente comentados. Cumprido esse ritual, no qual a pessoa apresenta o que considera digno de ser mostrado, o desafio se dava no sentido de conquistar uma relação de confiança que permitisse ao morador lidar da maneira mais normal possível com a nossa presença, voltando aos seus afazeres rotineiros e permitindo que eles fossem acompanhados, bem como, outros espaços e situações fossem observados.

O alcance dessa confiança permitia a realização das fotografias que assumiram a função de integrantes de um processo onde a troca cultural era efetivada. Elas não encerram a observação, nem são sua única finalidade, estabelecem continuidade com outras formas de contato, pois “[...] fotógrafo e seus modelos estão, ao contrário, engajados em um mesmo projeto, em que a foto não passa de um momento, sem ser necessariamente a finalização.” (ROUILLE, 2009, p. 183). Consequentemente, viabilizam a coexistência das contribuições dadas por cada um dos envolvidos nesta relação.



(Figura 1 – Série realizada na Vila Dom Bosco. Autoria: Carla Adelina Craveiro Silva)

Aberta a “porta” que representava o acesso à intimidade, as construções fotográficas buscavam expressar o que resulta do encontro entre o fotógrafo e o universo de situações que tecem o sentido da vida dessas pessoas, no domínio do que é particular, singular, mas que é, também, a base da postura a partir da qual o indivíduo se relaciona coletivamente. Portanto, aqueles que residem e transitam pelo quarteirão da Vila Dom Bosco, nas idas e vindas rotineiras, que sentam em suas calçadas nos finais de tarde para observar a rua, o morador do cumprimento apressado e o que se presta à conversa longa, o que “ninguém sabe de onde é” e aquele que todos conhecem, cada um deles é uma extensão da forma como constroem os saberes e valores no âmbito de sua intimidade.

6. CONSIDERAÇÕES

O envolvimento com uma proposta de trabalho que nos coloque diante das etapas e desafios próprios de uma atuação profissional na área que se pretende seguir, faz-se uma oportunidade que contribui tanto para a formação acadêmica quanto para a pessoal. Ao se deparar com os enfrentamentos de um projeto fotográfico, cujas demandas partem de diversos pontos, as práticas por meio das quais esse espaço de trabalho se constrói podem ser delineadas pelo estudante, compreendidas porque experimentadas. Assim, além de um contato mais aprofundado com os procedimentos técnicos, possibilita-se a experiência

necessária para o desenvolvimento de um estilo, para o reconhecimento de suas preferências e percursos de percepção.

A concepção do projeto, as aproximações para com o universo cultural da Vila Dom Bosco, as visitas, a análise das fotografias para que fossem identificados os pontos que poderiam ser mais explorados, a lida com as surpresas que cada casa trazia, todas as etapas foram importantes e interdependentes. Juntas, elas conduzem a uma compreensão da fotografia na qual o envolvimento não se restringe ao ato do clique. Há um “pré” e um “pós” que integram o processo de criação fotográfico. Por intermédio destes, o fio condutor de um discurso imagético se origina e se alia ao que essa forma de expressão traz de mais instigante, a possibilidade do conhecimento sobre o outro e de comunicação do que resulta desse compartilhamento de mundos.

REFERÊNCIAS

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Vol. 10, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 1ªed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

ROUILLÉ, Andre. **A fotografia – entre documento e arte contemporânea**. Editora Senac: São Paulo, 2009.